

Quais sentidos para a comunicação pública em situações de crise: o caso da Boate Kiss

Dr. Elisangela Carlosso Mortari (UFSM)¹
Ms. Lucas Durr Missau (UFSM)²

Resumo

Compreender as rotinas produtivas da prática jornalística tem sido objeto constante de investigação na academia. Olhar os efeitos de sentido na construção dos fatos agendados pela mídia também é recorrente entre os pesquisadores da área da comunicação. Nossa proposta é continuar refletindo acerca da midiaticização e seu poder balizador no campo social. Entretanto, nosso olhar foi provocado pela dualidade de sentidos instalada no ato de narrar o fato, enquadrá-lo na narrativa jornalística e poder compreendê-lo no embate entre a informação, o serviço e a comunicação pública. No presente artigo, estudamos o gerenciamento de uma situação de crise, por meio da análise da atuação do setor de comunicação social da Universidade Federal de Santa Maria, durante a tragédia na boate Kiss e frente às demandas da imprensa local, regional, nacional e internacional. O objetivo principal é refletir sobre as estratégias de ação, as decisões tomadas e as atividades desenvolvidas pelos veículos da Coordenadoria de Comunicação da UFSM nos dias em que os fatos relacionados à tragédia iam se desdobrando. Também, é relevante delinear os conceitos de comunicação e informação pública, além ter em mente a natureza pública da instituição, pois são as bases para as atividades de comunicação desenvolvidas. O recorte metodológico é realizado através do estudo de caso que, conforme Braga (2008), ocorre na própria lógica da experiência singular acionada pelo paradigma indiciário do caso a ser estudado. Flexionado frente à perspectiva da comunicação pública, o trabalho desenvolve-se apoiado na observação participante e na análise das rotinas produtivas dos veículos de comunicação que cobriram o acontecimento.

¹ Professora do curso de Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas e coordenadora de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, elimortari@gmail.com.

² Coordenador substituto de Comunicação Social e diretor da Agência de Notícias da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, lucas.durr@gmail.com.

Palavras-chave:

Comunicação Pública; Narrativa; Interlocutores

Abstract

Understanding the production routines of the practice in journalism has been the subject of constant research in the academy. Look at the effects of meaning in the construction of events by the media is also recurrent among researchers in the field of communication. Our proposal is to continue reflecting about mediatization and its power of guiding the social field. However, our gaze was teased by the duality of the meanings installed in narrating the fact, framing it in journalistic narrative and being able to understand it in the clash between the information, service and public communication. In this article, we study the management of a crisis situation, by analyzing the performance of the Social Communication Department of the University of Santa Maria-RS, during the tragedy at Kiss nightclub, facing the demands of local, national and international press. The main objective is to reflect about the strategies of actions, decisions and activities undertaken by the media of the department at the University during the days when the facts related to the tragedy would be unfolded. Also, it is important to outline the concepts of public communication and information, and keep in mind the public nature of the institution, as it constitutes the basis for the communication activities developed. The methodological approach is realized through the case study, according to Braga (2008), occurs in the logic of singular experience triggered by the evidential paradigm of the case studied. From the perspective of public communication, the work is developed relying on the participant observation and the analysis of production routines of the media that realized the coverage of the facts.

Keywords:

Public communication; Narrative; Speakers

OS INTERLOCUTORES E A CONSTRUÇÃO DO FATO

No texto que segue, perseguiremos a questão dos sentidos circulantes na narração do fato durante o desdobramento do acontecimento. Compreendemos que a informação ocupa um lugar aberto, sujeito a investimentos de sentidos, de releituras e apropriações diante de cenários públicos. Avançando, queremos entender como os atores da comunicação são atravessados pela violência de acontecimentos trágicos e como são levados a repetirem as lógicas da narrativa midiática em contraposição ao entendimento da informação pública, responsável e coerente.

Histórica e reconhecidamente as ciências sociais que se debruçam sobre o objeto midiático, avaliam os discursos construídos posteriormente ao fato narrado, buscando compreender suas lógicas e os engendramentos de sentido decorrentes da ação midiática. Como então compreender as rotinas midiáticas em situações de grande impacto emocional para a sociedade e ser protagonista dos embates entre a prática jornalística e a racionalidade social?

Por isso, nosso propósito neste texto não é reconstruir a cena a partir das leituras de jornais ou programas televisivos, mas relatar modelos de sistemas complexos em organizações públicas durante situações de tensão. O equilíbrio entre a informação de interesse público e a informação de interesse midiático passa pela discussão do espaço público, do lugar do cidadão e do ato de narrar o fato.

Para o cercamento da experiência in loco se transformar em reflexão acerca da construção do acontecimento de tensão, compartilhamos da postura do semiólogo argentino Eliseo Véron, que no estudo realizado em 1981 sobre a cobertura jornalística do acidente na central nuclear de Three Mile Island, entendeu que:

“Os acontecimentos sociais não são objetos que se encontram já feitos em alguma parte da realidade e cujas propriedades e transformações nos são dados a conhecer de imediato pelos meios de comunicação com maior ou menos fidelidade. Eles só existem na medida que esses meios os elaboram (...) Os meios informativos são o lugar onde as sociedades industriais produzem nossa realidade” (Véron, 1995, p.II).

A realidade construída pela mídia passa pelo processo de circulação e acesso à informação, como referencia Sodré (2009, p.27), “o real da notícia é sua factualidade, a

sua condição de representar um fato por meio de um acontecimento jornalístico”. Se o fato narrado pelo meio jornalístico é aquele que permite ao outro reconhecer o que está acontecendo, o que será enquadrado pela cobertura midiática, passa pela ação de interlocutores.

Os interlocutores são profissionais de comunicação que atuam em organizações sujeitas à ação midiática, ou seja, são sujeitos que desenvolvem um outro olhar para o acontecimento e o traduzem aos jornalistas. Nesse sentido, se estabelece uma encenação discursiva, onde os atores são colocados em cena não pela mídia, mas pelos interlocutores que gerenciam os turnos de fala entre jornalistas e receptores.

A definição em linguística do discurso para o termo interlocutor, segundo Charaudeau & Maingueneau, e que se aproxima do evento em construção no qual nos debruçamos é a que defende que “certos linguistas lhes dão o estatuto de atores externos ao ato de enunciação, como o que ocupariam o emissor e o receptor; outros lhe dão o estatuto de protagonistas internos ao processo de enunciação (intra locutores), como o que ocupariam o enunciador e o destinatário” (2008, p.288).

Essa leitura é possível de ser realizada porque as organizações entenderam a dinâmica da construção noticiosa midiática e passaram a acionar interlocutores. A principal ação dos interlocutores é refazer as leituras dos acontecimentos, sendo eles os protagonistas da informação, embora não assumam o lugar de sujeitos da enunciação, são responsáveis pela consolidação da cena enunciativa. Assim, também são analistas do discurso midiático, quando monitoram a presença da mídia e o enquadramento do fato, compreendendo as dinâmicas contratuais entre o meio e o receptor.

São os interlocutores que impedem ou suavizam as rupturas deflagradas pela ação midiática entre as organizações e a sociedade. Os interlocutores são responsáveis pela manutenção do sentido de normalidade, controlando ameaças à reputação e à imagem de organizações. Cabe-lhes o papel de gerenciadores de crise, entendendo que “as crises não chegam de surpresa (...), além disso, cria um clima de insegurança, despertando o apetite da mídia e a pressão dos concorrentes ou dos adversários políticos” (FORNI, 2013, p.09).

Por vezes, cabe-lhes o papel de indicar as fontes, reconstruir os fatos, apurar as informações e reconduzir a pauta do jornalista. Através do interlocutor, firma-se o olhar para o acontecimento do espaço interno ao próprio acontecimento, ou seja, são os atores

que assumem os turnos de fala do seu lugar interior ao evento. Para Charaudeau (2006, p. 95), o fato, o evento, é uma configuração concreta particular do acontecimento: “o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível”.

Como os interlocutores podem tornar inteligível um fato que ocorre numa pequena cidade com pouco mais de 250 mil habitantes para o olhar midiático que está fora do alcance de suas fronteiras culturais e discursivas? E mais, quais são as manobras e os efeitos de sentidos decorrentes das estratégias midiáticas que caminham para o espetáculo e a invasão do espaço público, privado e íntimo? Essas questões foram centrais na condução do fato ocorrido, na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, interior do estado do Rio Grande do Sul .

A Coordenadoria de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, maior instituição de ensino superior pública do interior do estado e que movimenta social, econômica e culturalmente o município gaúcho, foi acionada para travar um relacionamento com as instâncias midiáticas que aportaram na organização de ensino em busca de informações para pautar seus veículos. O impacto do acontecimento para a comunidade local poderia levar a organização a decretar luto e encerrar suas atividades pelo período que lhe conviesse. Entretanto, considerando seu espaço público e cidadão, a organização decidiu por manter-se atuante no atendimento às vítimas e familiares, colocando à disposição todo seu potencial organizacional.

Ao tomar essa decisão a organização necessita de um direcionamento para a área de comunicação. Segundo Forni (2013, p. 8), “de uma perspectiva organizacional e comunicacional, a crise coloca a posição simbólica e o valor da organização sob séria ameaça. Por isso requer de uma intervenção rápida”. A posição escolhida foi a ação de interlocutores.

O CENÁRIO INTERENUNCIATIVO

No primeiro momento, enquanto o incêndio ainda ia se caracterizando como de grande comoção, a preocupação era fornecer informações à comunidade em geral sobre o ocorrido e os envolvidos. Os veículos de comunicação da UFSM foram mobilizados

para auxiliar com informações precisas tanto amigos, familiares e comunidade acadêmica, quanto os meios de comunicação.

A Agência de Notícias mantinha a página da UFSM com conteúdo atualizado, tendo informações sobre as ações da Universidade para atender às famílias e vítimas e também sobre as vítimas da tragédia. Além do material jornalístico disponibilizado na página, o setor foi responsável por confirmar dados da tragédia a respeito dos envolvidos no incêndio, conduzir o contato da imprensa aos representantes da instituição, e monitorar a representação da UFSM construída pela mídia nos diversos meios. Nesse período, os representantes da Instituição e seus setores uniram esforços para que essas tarefas fossem desempenhadas com agilidade, mas priorizando a qualidade da informação.

Da mesma forma que a Agência de Notícias, a TV Campus também esteve envolvida na realização de matérias jornalísticas. As produções mostraram a estrutura disponível para atendimento das vítimas e famílias, incluindo detalhes e depoimentos das pessoas que prestaram esse serviço.

A Rádio Universidade também priorizou a informação de serviço, mas também forneceu material jornalístico para as demais rádios. Durante o desdobramento da cobertura, as rádios de diversos locais do país e do mundo solicitaram boletins com informações atualizadas da tragédia.

Ao longo dos dias, a cobertura proposta pelos veículos passou a priorizar as informações de acolhimento à comunidade. Após a confirmação dos dados da tragédia, passou-se então a informar sobre a retomada das aulas. Com esse direcionamento, os meios de comunicação passaram a requisitar o contato com alunos e professores da Instituição, quando foi necessário orientar os envolvidos sobre a importância de manter o mundo informado, mas também de deixar evidente os riscos de uma exposição demasiada.

O terceiro momento foi de intensificação das informações de utilidade pública e da valorização dos servidores e acadêmicos que trabalharam e ainda atuavam no acontecimento. As demandas da imprensa continuam, exigindo o exercício de pautá-los segundo o enquadramento da comunicação pública. Também faz parte desta etapa a retomada das atividades acadêmicas e o sentido de retomada proposto nos enquadramentos noticiosos. Além do investimento em novos veículos – criação de uma

revista de jornalismo científico que destaca as atividades de ensino, pesquisa e extensão da Instituição e a gradativa recuperação da imagem positiva da cidade e a consolidação da Universidade como espaço seguro e de qualidade.

Em linhas gerais, a cobertura da mídia se desenvolveu dentro das expectativas com a abordagem exemplar dos fatos da tragédia, contando apenas com casos pontuais de excessos na busca pelas informações. A Coordenadoria de Comunicação se propôs a intermediar o contato dos alunos e professores com as equipes de reportagem, atentando para o estado emocional instaurado entre a comunidade acadêmica.

O CENÁRIO PÚBLICO E A NARRAÇÃO DO FATO

O que determinará a inserção da comunicação das instituições públicas é a sua finalidade: a comunicação não deve ser orientada para a obtenção de uma utilidade econômica imediata. Assim, a orientação dos interlocutores é pelo caráter público das instâncias narrativas: quem fala, quem articula as falas e quem reconstrói as falas.

TRAGÉDIA EM SM: Governo do RS divulga lista com nomes de 185 vítimas identificadas (27/01/2013)

O Instituto-Geral de Perícias (IGP), da Secretaria Estadual de Segurança Pública do RS, divulgou no final da tarde deste domingo (27) lista com a identificação de 185 vítimas do incêndio que aconteceu na madrugada. A lista ainda é preliminar.

A Universidade Federal de Santa Maria está trabalhando para verificar quantas e quais dessas vítimas eram estudantes da instituição.

Na foto, o prédio da reitoria da UFSM na tarde deste domingo, com as bandeiras hasteadas a meio mastro. (UFSM, 2013a)

A nota publicada no final da tarde do dia do acontecimento toma o lugar de fala da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Estado. Antes da saída da listagem oficial, a Instituição de Ensino Superior não publicou listagem com nomes de vítimas e alunos vitimados na tragédia. Ao delegar a outro órgão público o poder de fala, não se agiu através da lógica midiática que faz circular a informação pela necessidade de narrar o fato de maneira tensa e intensa.

TRAGÉDIA EM SM: Pelo menos 101, dos 229 mortos já identificados, eram estudantes da UFSM (27/01/2013)

Pelo menos 101, das 229 vítimas fatais identificadas pelo Instituto-Geral de Perícias (IGP), da Secretaria de Segurança Pública do RS, até as 21h50min da noite deste domingo (27), mortas no incêndio na boate Kiss ocorrido durante a madrugada, eram estudantes da Universidade Federal de Santa Maria.

A lista foi elaborada com base na relação preliminar de nomes divulgada pelo governo do estado do Rio Grande do Sul e será atualizada a medida que surgirem as novas identificações.

Segundo a Secretaria de Segurança Pública do RS, pouco antes das 22h apenas uma das vítimas restava sem identificação no Centro Desportivo Municipal de Santa Maria.

Em virtude da possibilidade de alguns nomes terem sido escritos na lista com grafia incorreta, ou imprecisa, mais alunos da Universidade podem estar entre as vítimas fatais. Portanto, se você conhece alguma vítima que é estudante da Universidade, mas cujo nome não consta nesta relação, entre em contato pelo e-mail noticias@ufsm.br. (UFSM, 2013b)

Ao agir como interlocutores no cenário da comunicação pública é preciso compreender que há três condições básicas para falar, ser ouvido e ser falado: as condições de poder, autoridade e legitimidade. O poder é parte do jogo comunicativo porque é através do seu exercício que se explicitam as regras discursivas marcadas nos textos. Através do poder concedido à instância enunciativa, tem-se dominado o processo de circulação dos sentidos de reconhecimento, ou como definiu Véron (1978, p.14) “a noção de ‘poder’ de um discurso não pode designar outra coisa senão os efeitos desse discurso no interior de um tecido determinado de relações sociais”. A Secretaria de Segurança Pública era o actante da lógica narrativa que precisávamos para desempenhar o papel da ação de nomeação das vítimas. Através dessa marca textual, o poder de fala estava com a Coordenadoria de Comunicação Social da UFSM, que passou a ser consultada e acionada como fonte confiável para centenas de veículos de comunicação.

Nesse sentido, o poder, revestido do sentido de autoridade, confere à UFSM legitimidade para narrar o fato, motivada intencionalmente pelo princípio da

comunicação pública. A comunicação em instituições públicas avança a partir de uma multiplicidade de funções e de canais que visam informar o cidadão, garantindo o diálogo entre a instituição, a mídia e o cidadão. Para Jorge Duarte,

“fazer comunicação pública é assumir a perspectiva cidadã na comunicação envolvendo temas de interesse coletivo, alterando seu eixo, tradicionalmente centrado no atendimento dos interesses da instituição e de seus gestores. Na comunicação pública, o objetivo é o atendimento do interesse do público e da sociedade, simbolizado pelo cidadão” (DUARTE, 2011, pg. 127).

Assim, a legitimidade institucional passa pelo poder de informar o cidadão, garantindo igualmente a sua autoridade, ou seja, o poder da organização pública consiste no empoderamento do outro através da circulação das informações que reforçam as relações sociais e valorizam os cidadãos. Para Hohlfeldt (in KUNSCH, 2011, p. 232), “se o indivíduo ou a instituição não tem reconhecidos a sua legitimidade, não terão igualmente aceita a sua autoridade e, por consequência, não terão qualquer poder, a não ser a constrição física, o que não é o caso”. Ao agir intencionalmente segundo os princípios da comunicação pública, a Coordenadoria de Comunicação Social regrou a sequência narrativa do fato.

TRAGÉDIA EM SM: Orientações à imprensa para cobertura de pautas no Campus da UFSM (01/02/2013)

A Universidade Federal de Santa Maria solicita à imprensa que deseja realizar suas pautas no campus da Instituição, que entre em contato com a Coordenadoria de Comunicação pelos telefones (55) 3220 XXXX, (55) 3220 XXXX ou pelo celular (55) 9106 XXXX. A Coordenadoria dispõe de uma equipe de profissionais que auxiliará os veículos na apuração das matérias e na captação de imagens.

Durante as atividades de acolhimento realizadas na UFSM, por orientação do professor Christian Kristensen, que é pesquisador do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Trauma e Estresse da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS) e que assessora o Centro de Acolhimento da UFSM, solicitamos discernimento dos profissionais da imprensa na cobertura destas atividades, especialmente no culto ecumênico.

A Coordenadoria de Comunicação agradece aos profissionais que respeitaram o esquema de agendamento de entrevistas e de coleta de informações, bem como de cobertura fotográfica e de vídeo. (UFSM, 2013c)

Esses procedimentos consistem na atribuição de uma sequência de regramentos que irão compor a cena narrativa. Para Charaudeau (2010, p. 188) “o dispositivo do processo de narração comporta muitos tipos que detêm uma identidade própria, um identidade que os leva a desempenhar um papel particular na encenação de uma narrativa”. Quais são as vozes que falam em situações de tensões em instituições públicas? Como articular os atores sociais para compor a cena narrativa? Através desses questionamentos e entendendo que é papel do interlocutor o direito à informação pública, assim como é de sua competência a presença e a intervenção na construção das marcas discursivas presentes no enquadramento da notícia, a Coordenadoria de Comunicação remete-se a diferentes sujeitos na orientação da narração do fato:

TRAGÉDIA EM SM: UFSM orienta imprensa sobre procedimento de cobertura do Culto Ecumênico na segunda-feira (01/02/2013)

A Universidade Federal de Santa Maria orienta os profissionais de imprensa que pretendem realizar a cobertura do Culto Ecumênico, na próxima segunda-feira (4), às 9h, em frente ao Espaço Multiuso no campus da UFSM, que ao interpelar alunos, servidores da instituição, além de familiares das vítimas do incêndio, considerem o estado de consternação em que se encontram, durante a realização do evento. As entrevistas e o registro de imagens com membros da comunidade acadêmica podem ser previamente combinadas com a equipe da Coordenadoria de Comunicação Social da UFSM por meio dos seguintes telefones: (55) 3220 XXXX; (55) 3220 XXXX e (55) 9106 XXXX.

Esse procedimento vai ao encontro da solicitação feita pelo Diretório Central dos Estudantes, que representa os alunos da Instituição. Em ofício destinado ao Gabinete do Reitor da Universidade, os acadêmicos pedem que sejam respeitadas as condições psicológica e emocional dos familiares, estudantes e dos professores. (UFSM, 2013d)

Para o entendimento dessa relação iniciada com a mídia a partir da construção noticiosa de acontecimentos tensos, é preciso compreender que o controle sobre o

dispositivo midiático ocorre porque se articula o contexto. O jornalista, indivíduo que transitava na cena trágica, estava sujeito à ação emocional tanto do fato quanto da relação com a emissora ou com a redação do veículo que representava. Relatos de equipes de grandes emissoras que confidenciavam estar sem comer há mais de 12 horas para poder construir a notícia conforme os editores – que se mantinham no Rio de Janeiro e em São Paulo – determinavam, jovens jornalistas de portais de notícias que precisavam ligar para os analistas em todas as noites que permaneceram na cidade, caso contrário não conseguiriam relatar o acontecimento. Em muitas situações, o indivíduo é alvo da lógica midiática que desconsidera o contexto mentalmente representado da situação a ser descrita.

Na comunicação pública, em situações de tensão, o acesso e o controle da informação passam a ser a base de poder dos interlocutores. A maioria dos jornalistas que realizavam a cobertura do evento trágico agradecia quando suas pautas não poderiam ser desenvolvidas dentro das salas de aula, dos quartos das vítimas na casa do estudante ou em laboratórios e em ambientes onde as vítimas realizavam suas atividades acadêmicas. Esses recursos simbólicos levam ao espetáculo da informação e, em muitas situações, agravam o problema social instalado na comunidade que sofreu o trauma.

A ação midiática e sua articulação no contexto da tragédia foi assunto na reportagem realizada pela TV Campus³, instituindo essa lógica em outros enquadramentos midiáticos. O controle do contexto envolveu o controle da agenda midiática:



Figuras 1, 2 e 3 - Destaques de jornais locais, nacionais e internacionais.

³ A reportagem, da qual foram retiradas as imagens abaixo, está disponível para acesso no link <http://youtu.be/wLyAhqVFWvc>.



Figura 4 - Ricardo Vilches, repórter do SBT: “o deslocamento de uma equipe completa de São Paulo para o interior do Rio Grande do Sul é complicado”.



Figura 5 - Luiz Cardanone, chefe do Departamento de Jornalismo da Record (SP): “você fica triste porque você, embora seja jornalista [...], você é ser humano antes de mais nada [...], você trabalha, mas sofre junto”.

O controle do discurso público solicita, por exemplo, definições de tempo e de lugar onde as situações comunicativas ocorrerão. Para que o acesso e o controle sejam efetivos os interlocutores precisam propor novos tópicos, ou seja, “também vital para todo discurso e toda comunicação é quem controla os temas (macroestruturas semânticas) e a mudança de tópico, assim como ocorre quando os editores decidem que tópicos noticiosos serão cobertos (...)” (Dijk, 2008, p. 120). O controle do contexto é determinante para o gerenciamento da informação em eventos de tensão.

TRAGÉDIA EM SM: Voluntários se mobilizam em solidariedade a vítimas do incêndio (27/01/2013)

A tragédia que alcançou proporções internacionais e que comove milhares de pessoas rapidamente repercutiu na internet e gerou mobilizações em apoio às vítimas e familiares das vítimas do incêndio na boate Kiss, em Santa Maria, que provocou a morte de dezenas de pessoas na madrugada deste domingo (27).

Um grupo autônomo de voluntários criou a página "Somos Santa Maria" no Facebook, que até o começo da noite deste domingo já havia cadastrado mais de 400 vagas para acomodações em Porto Alegre, colocadas à disposição de parentes e amigos de vítimas do incêndio que foram transferidas para a capital do RS. Os interessados podem entrar em contato com José Cesar, pelo telefone (51) 9259-XXXX, e obter mais detalhes na página <http://www.facebook.com/somossantamaria>.

Também pelo Facebook, estudantes da UFSM criaram o evento "Caminhada do Luto", que até por volta das 20h contava com mais de 1,6 mil presenças confirmadas.

Como o evento era de acadêmicos dos cursos de Agronomia, Medicina Veterinária, Tecnologia de Alimentos, Zootecnia, Tecnologia em Agronegócio e Pedagogia, grande parte do público da festa era formado por universitários. A UFSM ainda trabalha no cruzamento da lista de vítimas com o seu banco de dados para confirmar quantos e quais eram estudantes da instituição. (UFSM, 2013e)

Verifica-se, portanto, que a circulação de sentidos no âmbito da comunicação pública precisa avançar, mas quando falamos em situações de tensões em instituições públicas e com grande impacto dramático é necessário não somente fazer, mas saber o que dizer e o que permitir que seja dito. Os sentidos estarão firmados no discurso midiático, mas como foi exposto, há dispositivos de controle e acesso que beneficiam acima de tudo o cidadão.

Dessa forma, acredita-se que com as reflexões expostas é possível avançar em questões como a negociação dos sentidos entre a prática jornalística, o interesse público e o interesse das organizações midiáticas, além de provocar o embate acerca do fazer comunicação pública: como fugir das armadilhas da relação imposta pelo jogo midiático e garantir a informação para o cidadão? Ficam algumas pistas e o comprometimento de avançar nas discussões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. Revista Matrizes. V.1, n.2, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Linguagem e Discurso: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2010.

DIJK, Teun A. van. Discurso e Poder. São Paulo: Contexto, 2008.

DUARTE, Jorge. Sobre a emergência do(s) conceito(s) de comunicação pública. In: KUNSCH, Margarida Maria K. Comunicação Pública, Sociedade e Cidadania. São Paulo: Difusão Editora, 2011.

FORNI, João José. Gestão de crises e comunicação: o que os gestores e profissionais de comunicação precisam saber para enfrentar crises corporativas. São Paulo: Atlas, 2013.

HOHLFELDT, Antonio. Comunicação Pública: os diferentes sentidos do interesse público. In: KUNSCH, Margarida Maria K. Comunicação Pública, Sociedade e Cidadania. São Paulo: Difusão Editora, 2011.

SODRÉ, Muniz. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

UFSM - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. TRAGÉDIA EM SM: Governo do RS divulga lista com nomes de 185 vítimas identificadas. Disponível em: http://200.18.45.28/sites/noticias_ufsm/exibir_noticia.php?id=6241. Acesso em: 20 de set. 2013a.

UFSM - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. TRAGÉDIA EM SM: Pelo menos 101, dos 229 mortos já identificados, eram estudantes da UFSM. Disponível em: http://200.18.45.28/sites/noticias_ufsm/exibir_noticia.php?id=6247. Acesso em: 20 de set. 2013b.

UFSM - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. TRAGÉDIA EM SM: Orientações à imprensa para cobertura de pautas no Campus da UFSM. Disponível em: http://200.18.45.28/sites/noticias_ufsm/exibir_noticia.php?id=6309. Acesso em: 20 de set. 2013c.

UFSM - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. TRAGÉDIA EM SM: UFSM orienta imprensa sobre procedimento de cobertura do Culto Ecumênico na segunda-feira. Disponível em: http://200.18.45.28/sites/noticias_ufsm/exibir_noticia.php?id=6312. Acesso em: 20 de set. 2013d.

UFSM - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. TRAGÉDIA EM SM: Voluntários se mobilizam em solidariedade a vítimas do incêndio. Disponível em: http://200.18.45.28/sites/noticias_ufsm/exibir_noticia.php?id=6243. Acesso em: 21 de set. 2013e.

VÉRON, Eliseo. Semiosis de l'idéologique e du pouvoir. In: Communications, 28, Paris: Seuil, 1978.

_____. Construir el acontecimiento: los médios de comunicación massiva y el accidente em la central nuclear de Three Mile Island. Barcelona: Gedisa, 1995.